

o **imp**ublicáves

gudê

2007 - número zero
www.oimpuplicaveis.com.br

o
num
ar
t
o
c
o
z

na **o** cceu
m
movimento

o que faz o texto é o seu movimento

mostre seu texto



Envie seu texto para contato@osimplicaveis.com.br
Todo mês são selecionados até três textos para serem divulgados no site
e na nossa revista (se der para ela sair). Não importa quem você seja,
aqui o texto do desconhecido recebe o mesmo tratamento do consagrado



Manifesto
Impublicável 2

3 Entrevista com
Ibrahima Gaye

Panapaná por:
Rodrigo Sousa Albuquerque 5

6 Capa: Nasce um
Movimento

Leitor de
Bicicleta 8

9 Nossa Expulsão do
Paraíso

Os Invisíveis 10

11 Nunca mais Outra
Vez por: Fábio Almeida

What a Drag it is
Getting Old por:
Danilo Aguilar 12

LEVACILBUPMI OTSEFINAM

Frente à dúvida incessante, que visam ampliar, Os Impublicáveis apresentam este Manifesto, a partir do qual pretendem inaugurar um debate acerca do que é impublicável, lançando novo olhar e voz num terreno de sombras, som e fúria.

Com este fim, toma-se o impublicável como aquilo de que se sabe, mas não se pode dizer. Trata-se do que existe, embora tenha sua aparição barrada pelos limites da publicação e do contexto sócio-histórico em que esta se dá.

É o que vezes ou outra escapa à consciência e aos padrões de costumes impostos pelos interesses dos que detêm o poder. Está implicitamente negado pelo que é institucionalmente dito. Trata-se daquilo que cria espaço onde ele não existe, mostrando-se incompreensível por excesso de clareza. É o que se critica justamente porque se morre de vontade e de medo de fazê-lo.

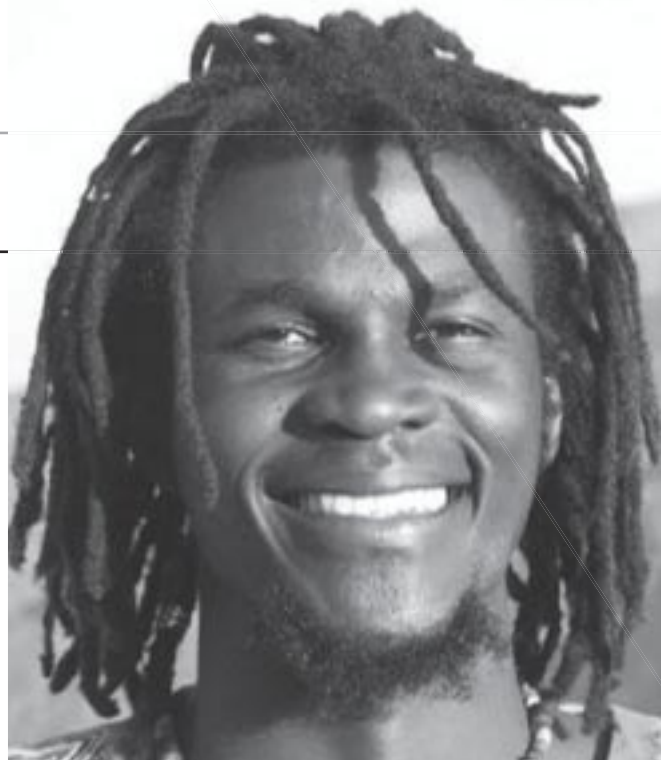
Impublicável é aquilo contra o que a grande mídia sempre oferece sete motivos, porque desfaz a limpeza e perturba o conforto do ensaio na ilha de Caras.

É o miserável no shopping center, o menino de rua visto através da janela fechada de um carro, a criança assassinada com um tiro na nuca, o mal-estar que nem Prozac consegue tirar. É a morte do velho no corredor do hospital, o rio fétido que ameaça inundar uma loja chique, a tira de papel higiênico com a ponta molhada que ficou presa à saia da grã-fina.

Impublicáveis são as celas superlotadas de que o banqueiro escapou pela prescrição. É a miséria de muitos, às custas da qual se extrai a brancura dos colarinhos de poucos.

Impublicável é o resto que invariavelmente subsiste; que, como nós, vezes ou outra se aproveita do movimento do texto para emergir nas entrelinhas e tentar subverter o sentido posto.





entrevista com Ibrahima Gaye

Ibrahima Gaye, nascido no dia 03 de outubro de 1975, em Dakar, capital do Senegal. Veio para o Brasil em 1998, a partir de um convênio firmado entre os governos do brasileiro e Senegalês, o qual lhe garantia uma bolsa de estudos no Curso de Administração de Empresas na UFMG. Abandonou o curso em 2001, porque já se via tomado por empreendimentos relativos à cultura africana. Fundou a “Casa África”, associação que hoje dirige, difundindo, divulgando e preservando a cultura africana em todas as suas formas de manifestação, através de eventos e trabalhos sócio-educativos, realizados Brasil afora.

Os Impublicáveis - (Barroso da Costa) Lembra-me de você na Federal, já que fizemos o ciclo básico juntos. Você veio do Senegal formado em Economia, área na qual, inclusive, já havia sido premiado nacionalmente. O que o desligou da Academia, levando-o à movimentação cultural?

Ibrahima - Na verdade, foi um conjunto de fatores. Quando cheguei ao Brasil, senti algo inédito: desembarquei no aeroporto do Galeão e, embora soubesse que o Brasil possuía a segunda maior população negra do mundo, não vi qualquer indivíduo que me remetesse à África naquele saguão. Somente vi um negro quando entrei no banheiro e ele lá estava fazendo a faxina. Neste momento, senti um arrepio, que já me anunciava todo o preconceito velado que impera no Brasil. Foi o marco inicial de meu engajamento numa cruzada pelo resgate das tradições e da cultura africana neste Brasil, onde vi que a população negra não possuía consciência de seu valor histórico, o que era causa de sua baixa estima. Como dizia o grande filósofo africano, Djibril Tamsir Niane, “um povo sem passado é um povo sem memória”. Desde então, progressivamente, fui me envolvendo com projetos culturais, até que, em 1999, passei a dirigir o “Expresso África”, primeiro bar dançante africano em Belo Horizonte, que durou até 2001. De 2001 a 2002, levei adiante o “Africano”, criando em seg-

uida - 2002/2004 - o “Africano Itinerante”, com festas temáticas periódicas, que levavam a cultura africana por todo Brasil. No verão de 2003, quando estava com o “Africano Itinerante” em Trancoso/BA, fui levado a algumas reflexões que me conduziram ao projeto “Casa África”, tornado realidade em 2004, enquanto um centro que permite a qualquer indivíduo, independentemente de cor ou crença, ampliar seus conhecimentos acerca do continente que é o berço da humanidade. Neste caminho, há diversos percalços, já que quase não há documentos acerca da influência africana no Brasil, o que determinou um corte na História, lembrando-me aqui de um provérbio africano, segundo o qual “enquanto não há leões historiadores, a glória da caça irá sempre para o caçador”. Em suma, a revelação da verdadeira História depende da participação ativa da população negra, principalmente pelo viés da Educação. Neste sentido, participei de projetos junto a escolas, transmitindo a cultura africana a crianças, adolescentes e professores, dando efetividade à Lei nº 10.639, que determina a valorização da História Negra nas instituições de ensino, com noções da diversidade cultural. Percebi, nesta oportunidade, a necessidade de quebrar estereótipos, romper as barreiras que impedem a população negra de desenvolver plenamente suas potencialidades e, assim, construir uma identidade forte.



Os impublicáveis - Vamos falar dessa percepção com mais calma. Você tocou num ponto crucial para nós brasileiros, nosso preconceito racial, que é tão estudado por sociólogos. Fale-me de como vê o preconceito racial no Brasil.

Ibrahima Gaye - É, de fato, um assunto muito delicado, mas vejo como uma tremenda cara-de-pau afirmar-se a ausência de preconceito racial no Brasil. Após a abolição da escravidão, doaram-se terras a diversos europeus, que vieram fincar raízes no Brasil. Enquanto isso, os africanos que até então carregaram o país nas costas - literalmente -, viram-se abandonados, sem condição de iniciar uma nova vida após séculos de trabalhos forçados. Queimaram-se os documentos que indicavam as origens dos afro-brasileiros escravizados, destruindo sua possibilidade de criar uma identidade. Tais eventos fatalmente colocaram os negros, mais uma vez, sob o jugo do opressor. Sem identidade própria, tiveram de apoiar-se na que lhes era conferida pelo branco que os explorava, acatando a condição subserviente que até hoje nos encerra em guetos e favelas, retirando-nos, veladamente, a condição de acesso legítimo a boas colocações, bons empregos, boa formação etc. Assim, não há meios de crescimento ou afirmação, já que é muito difícil encontrar negros com cargos que lhes permitam a promoção e valorização de sua cultura. Muitas vezes, se lá estão, se “embranquecem”. No Brasil há oito anos, até hoje sofre preconceitos: se anda na rua pela madrugada, não raro as pessoas mudam de passeio... Lembrome do leão, símbolo do Senegal, que, ao andar pela floresta, acaba afugentando todos os animais menores.

Os Impublicáveis - Qual o caminho você apontaria como sendo o mais eficaz na tentativa de alterar esta realidade social?

Ibrahima Gaye - A busca de uma sociedade mais justa não pode ser tida

como utopia, depende do engajamento de todos. O racismo é uma construção coletiva, sedimentada ao longo de séculos. Em razão disso, encontra-se arraigado nos indivíduos, havendo de se promover uma revisitação efetiva da história que nos foi mal contada, no Brasil, na África ou no mundo. Nossas raízes devem ser expostas segundo a nossa versão, livre dos estereótipos que já critiquei, e que foram criados pelos opressores, os quais sempre nos contaram a dita história oficial. Por exemplo, há teses cientificamente respeitadas que indicam que a civilização egípcia era negra, o que foi “embranquecidamente” transformado, conforme os interesses dos opressores. Enfim, o que importa é o sentimento individual de indignação, que, ao longo de muito tempo, poderá transformar este preconceito, potencializando a emergência de uma nova cultura e civilização, em que as diferenças sejam reconhecidas e respeitadas.

Os Impublicáveis - Deixe, portanto, seu convite para este engajamento.

Ibrahima Gaye - Convido a todos para conhecerem a “Casa África”, onde poderão ter acesso a cantos e encantos da História da África, contada por africanos. Fica na Rua Paraíba, 966, na Savassi, Belo Horizonte, CEP 30.130-141, tel.: (31) 3234-4241, www.casafrica.com.br. Termino com a seguinte frase, dita por Alioune Diop na abertura do 1º Festival Mundial das Artes Negras, acontecido no Senegal, no ano de 1966, quando declarou: “Trata-se essencialmente de criar oportunidades às comunidades negras do mundo inteiro para que se unam, a fim de revitalizarem sua cultura, sua criatividade, a fim de assegurarem o equilíbrio e o desenvolvimento harmonioso da sociedade internacional. Pois, também cabe aos nossos povos, junto a todos os outros povos do mundo, a responsabilidade de gerir o mundo, que constitui um bem comum”.

**Revista
Os Impublicáveis**
contato@osimppublicaveis.com.br

**Edição
e
Projeto Gráfico:**
Robert de Andrade
Oliveira
robert@osimppublicaveis.com.br

Redação e Revisão:
Barroso da Costa
e
Cind Canuto
barroso@osimppublicaveis.com.br
cind@osimppublicaveis.com.br

Fotografia:
Frederico Valério
e
Hélio Martins

Edição do Site:
Marcos Guimarães Rosa

Colaboradores:
Camilo, Danilo
Aguilar, Dener, Fábio
Almeida, Fred, Hélio,
Ibrahima, Ivete Walty,
João Batistas, Maria
Carolina Rodrigo,
Rafaela.

grude

grupo de editoração impublicável

errata
sim!somos
impublicáveis,
mas (im)publicamos
assim mesmo.

Dou-
tor Amaury
gargalhou aberta-
mente e exclamou, - Mas
isto é uma prosopopéia! A
palavra reverberou no cérebro
de Chiquinho. Não havia prestado
atenção a nada da conversa que o
patrão travava ao celular, mas Chi-
quinho tinha uma atração especial
por palavras novas e difíceis, talvez
porque estivesse concluindo o supletivo.
Quando conduzia Doutor Amaury de volta do
escritório para casa, ao final da tarde,
ainda pensava na palavra: prosopopéia!

- Dona Sônia, perguntou à cozinheira, o
que é prosopopéia? - Chiquinho, eu só sei
que não é de comer. A cozinha estava movi-
mentada naquela primeira segunda-feira do
mês. Doutor Amaury recebia a Confraria
do Vinho e, orgulhoso, exibia sua adega
enquanto discutiam na sala as melhores
safras dos melhores vinhedos. Alguém
falava qualquer coisa sobre filatelis-
mo, mas vinho era o assunto principal.
- Talvez o Sebastião saiba, daqui a
pouco ele entra aqui para pegar mais
uma taça e a gente pergunta, interveio
Aparecida, a arrumadeira, se referindo
ao mordomo e aprendiz de somelier, sem
dúvida o mais estudado dos empregados.

Sebastião andava sempre emper-
tigado. Afetado, era subserviente
com os patrões e quase sempre im-
placável com os subalternos. Entrou
na cozinha trazendo um decanter que
precisava ser lavado. Jussara, a
faxineira que lixava as unhas num
canto e parecia não dar atenção a
nada foi quem perguntou, - Se-
bastião, o que é propopéia? -
Você deve estar se referindo a
Pompéia - não, Aparecida, use
o detergente neutro que depois
vamos servir um Tanat neste de-
canter - era uma cidade que
foi destruída pelo Vesúvio. E
saiu de volta a sala, depois
de respirar fundo e veri-
ficar o caimento do paletó.

- Mas não era vinho?
Perguntou Júlio, o jar-
dineiro que descansava
sentado num banco alto
próximo a Jussara.
Aparecida, que era
evangélica, in-
terrompeu.
- Sebastião
não sabe

o
que diz, a
cidade destruí-
da não foi esta e
nem foi uma, foram duas,
Sodoma e Gomorra. E foi Deus
quem destruiu porque o povo es-
tava corrompido pelo pecado. - Que
tipo de pecado? Alguém perguntou.
- A sodomia, respondeu Apare-
cida, é de Sodoma que vem a palavra
sodomia. - É o que o povo de Gomor-
ra fazia, a gomorra? Retrucou Júlio.
- Não é Pompéia, é prosopopéia, deve ter
alguma coisa a ver com trabalho, disse Chi-
quinho. - Talvez seja uma profissão, acres-
centou Jussara. - É Chiquinho, quem sabe
você não se torna um prosopopologista, espere
aí, eu acho que esse é o médico que dá dedada
nos outros, concluiu Júlio. - Não. Este é o
proctologista, disse de passagem Sebastião
que viera à cozinha buscar o decanter para o
Tanat. - Ahn, foi o muxoxo que fez Júlio,
acrescentando entre dentes para que ninguém
ouvisse, - disse a governanta entende.
- Puta Merda, tá difícil agüentar
aquele papo na sala, invadiu a cozinha
Raimundo, o filho único do casal. - Rá,
fala baixo, seu pai vai ouvir. - Ô Son-
inha, ouve não, beijando as bochechas
morenas e opulentas da cozinheira, faz
uma vitaminazinha pra mim. Voltando-
se para a arrumadeira com um tapinha
em suas nádegas saudáveis, - leva lá
no meu quarto Cidinha. - Ahn, foi
o muxoxo que fez Dona Sônia ao per-
ceber o sorriso contido de Apare-
cida, acrescentando entre dentes,
se os tivesse, para que ninguém
ouvisse, - crente do rabo quente.
- Ei Raimundo, você vai saber,
perguntou eufórico Chiquinho, o
que é prosopopéia? - Prosopo-
péia..., Raimundo repetiu en-
quanto mastigava um pedaço de
queijo roubado da tábua de
frios, foi em direção à por-
ta, batendo mais uma vez na
bunda da arrumadeira, acres-
centando entre dentes, para
que só Aparecida ouvisse,
- minha vitamina..., e
finalmente respondeu
pouco antes de sair
da cozinha, - Pro-
sopopéia é o cole-
tivo de borbole-
t a s .

n a s c e l

Ai!
1 ,
dois ,
3, 4, cin-
co seis, sete
8, 9, dez; isso
é pra respirar mel-
hor. Já sentimos as
dores. O movimento, bem
sabendo que movimento é tudo
que se move, de roda-rodas, ou se-
ria gira-gira ou catavento? Seria a
roda viva: "roda mundo roda gigante,
roda moinho roda pião..." , esse movimento
feito de texto começou ano passado. Mas isso
de anos é subjetivo; é que nem ânus, cada um
tem os seus. Antes de entrar, os pretensos cria-
dores e anfitriões trazem uma bacia de lama e sujaram
os seus pés. Uma recepção quase cristã, Jesus limpava os
pés dos discípulos com água para mostrar que o líder era o
mais
servo.
Não,
não é um lat-
ido, somos muito
principal-
mente depois de escond-
er de sujeira nossa parte
do corpo, que parecem
animalesca.
Falamos dos pés, que sujos de
lama ficam disfarçados, podem ser im-
aginados como partes mais humanas. Já o
com pés de macacos e cacos de per-
fumes franceses, de temperos indianos e de vidraças pelo
chão. Ai de novo. Tem alguma coisa errada, não queremos dis-
cípulos, nem servos, nem seguidores, nem o contrário. Esqueça

movimento

a bacia de lama. Trazemos letras e símbolos, levamos embora também.

O caso do tempo é certo, tempo é subjetivo. Ou tudo é. Ou nada

é. E então não é mais certo. Em movimento as coisas parecem

tão mais coisas de tão fortes, são intocáveis - "são

tão fortes as coisas... mas eu não sou as coisas e

me revolto". Não ouvimos nenhuma palavra conexa

antes disso. Porém agora chamo sua atenção, das

minhas perguntas desconexas: Existe tanta

gente no mundo para haver tantas coisas?

Podemos pensar em parir mais um filho

nesse mundo inflacionado? Existe

alguém especial? Podemos ter um

filho especial? Não respondo

as perguntas, porque sei

as respostas e elas

não consolam. Sim,

preferimos as perguntas,

perguntas.

Podemos

s e r

sujos, limpos, feios, bonitos, inteligentes ou não, a dúvida

nos consola mais do que esses retratos em branco e preto,

estés, que limitam um pouco a imaginação sobre o que somos,

e mais que a identidade sem crise. Ai, o que pare - de

parir, claro - o texto é o movimento. O que divulga

o seu texto é o movimento, o que (im)publica

o seu movimento. Os impúblicáveis podem

ser encontrados em vários lugares, nos

bares de Belo Horizonte, nos cafés,

livrarias, no site www.osimpub-

licaveis.com.br e

revista do movimento. Não

há como identificar um

impúblicável, talvez

você seja um e ain-

da não desco-

briu isso.

Nós já.

há como identificar um

impúblicável, talvez

você seja um e ain-

da não desco-

briu isso.

Nós já.



Há um descabido escurecimento final correlativo à falta de noção de destruição da anti-obra, a tal, quando desferida a improdução escrita, é a impubescível de um impensador, despesquisador ou não intelectual.

Essa foi a tentativa de escrever tudo ao contrário. Como dizer que o texto que se tece é o que eu quero destecer quando leio um livro?

Começo com uma citação: “A novidade na cidade era a bicicleta”. História de criança, não saberia explicar por que se não estivesse em livro infantil, porque bicicleta também é coisa de quem não é criança.

Primeiro penso no que é novidade. Se estivesse em cartaz de loja de eletrodoméstico, viria com a imagem de um aparelho de som dito “ultrapotente”, que toca até MP3. Teria luzinhas inúteis, pelo menos no caso de um som que a princípio serve para tocar música e só, luzes infinitas, piscando para todo lado. Apesar de me causar dúvida, fico a pensar se antes do mp3 tinha mp2 e mp1. Chego a me lembrar das medidas provisórias, pedras nos sapatos da Constituição, mas logo volto ao som, uma novidade limitada pela imagem prateada que está também na promoção, provavelmente.

De modo diferente, no livrinho Marambaia, novidade pode ser o que eu quiser imaginar, como uma coisa antes inexistente e repentinamente desejada, posso rever sentimentos passados; pensar na espera por um presente novo ou pelo beijo dele finalmente. A cidade pode ser a minha cidade, o lugar que me pertence, ou ao qual eu pertença. Sim, eu faço parte do que leio e o que eu leio é meu. Sou eu com a novidade e a cidade quase é Recife, do centro até a praia de Piedade, onde eu morava. Papai



trazia brinquedos da cidade às vezes. Seria o centro de Recife, se antes não fosse o Barro Preto na parte com ruas de pedras, dava para fazer manobras com a bicicleta, e domingo ganhava velocidade pelas avenidas Amazonas e Afonso Pena vazias.

Bicicleta talvez seja o substantivo mais limitado da expressão. Entretanto, a sua presença, se tratando de novidade na cidade, é o que nos põe no tempo da narrativa. Isso deve, então, ser há bons tempos. Talvez no seu tempo.

A leitura se faz assim em mim, quando se faz o sentido e o contra sentido, quando até o oposto de tudo escrito também significa e fica. Com essa possibilidade, surge um mundo que se torna novidade a cada página, ou nem tanto, para não ser romântica e para contradizer. De qualquer forma subo eu na bicicleta em tempos de criança, e o texto se faz como quem fez pensar que o longe pode ser um pouco mais perto.



lação ocidental, o que implicou nossa retirada do estado de natureza não foi a atenção dada a uma serpente ou a mordida numa maçã. Pelo menos não no sentido literal ou psicótico destes substantivos.

Aliás, é justamente a necessidade de ter que representar nossa expulsão que explica o porquê do amargo despejo. É a possibilidade de enxergar uma maçã para além da fruta e uma serpente para além do ofídio. Ou seja, é a inevitabilidade do simbólico e, logo, da palavra que nos diferencia de uma samambaia ou de um cabrito, já que é a partir dela que nos sabemos vivos, diferentemente dos animais ou plantas, que simplesmente são, sem ter consciência de sua existência, sem ter consciência, sem ter, sem.

A necessidade da palavra e da comunicação marca a nossa não-integração com o natural, a nossa desintegração complexa. Uma incompletude inerente à nossa condição e que nos faz falar, falar e falar, na tentativa de formarmos laços que, em nossa fantasia, nos tornarão completos, devolvendo-nos ao Paraíso perdido.

Mas aí surge o mal-entendido, próprio dos seres não-absolutos, que têm consciência do que foi e planejam o que será; que raramente se detêm no que está sendo e menos ainda no que é, o que os lembra novamente de seu distanciamento da natureza, em que se existe num eterno presente, sem se lembrar de um passado ou vislumbrar um futuro.

É pela palavra, portanto, que temos notícia de nosso vazio próprio aos não-seres históricos que precisam nomear-se para serem mutuamente reconhecidos em prol de uma realidade pactuada e, portanto, não-natural. Mas é através dela que podemos desajar e, assim, tentar contornar este vazio e continuar vivendo, amando e enganando a dor que resulta daquilo que nos acompanha ao longo de toda a vida, para nos lembrar de nossa expulsão do Éden: a angústia de nos sentirmos humanos e incompletos.

Se, por um lado, a palavra é nossa desgraça, por outro, é nossa tábua de salvação.

Dela, pois, façamos bom uso.

Embora não seja especialista na matéria, uma das coisas mais interessantes sobre as quais a Psicanálise me fez pensar diz respeito à nossa expulsão do Paraíso. Isto mesmo. Sobre aquele lance de comer a maçã proibida e, a partir de então, ter vergonha de nossos corpos nus, ter de trabalhar para comer, sentir tesão pela marquinha de biquíni da Eva etc.

Ao sermos despejados do Éden, nos tornamos homens. O mundo evoluiu, o machismo já não impera e hoje podemos ser homens e mulheres, com direitos iguais. Já se pode inclusive ser gay, lésbica, simpaticante, transexual, pansexual, metrossexual, a um metro de ser homossexual e - para o horror de muitos - ainda nos é permitido optar pela heterossexualidade.

Este excesso de nomes para o que no Paraíso seria denominado simplesmente de macho ou fêmea vem bem a calhar quando se trata de tentar explicar nossa expulsão daquele recanto de paz, sossego e tranquilidade pelo qual muitos ainda anseiam. Vem bem a calhar porque, diferentemente do que ainda pensa boa parte da popu-

B
a
r
r
o
s
o
d
a
C
o
s
t
a

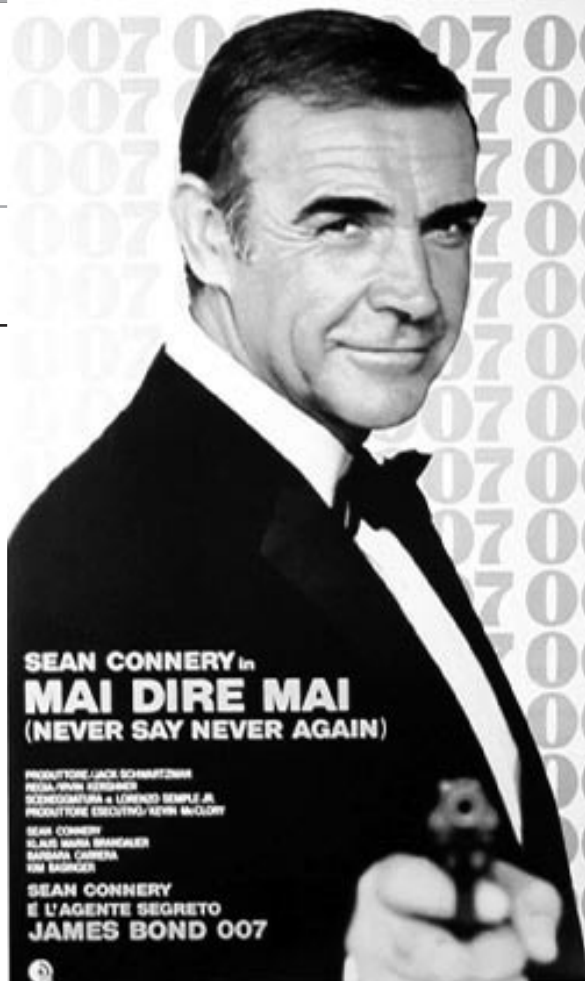


A matéria do sonho pode ser sentida, tocada ou até mesmo trazida para nossa suposta realidade. No entanto, o domínio sobre este campo da abstração requer uma longa jornada; deve-se ter uma vida miserável ou, no mínimo, monótona, a ponto de rejeitar a vida repetitiva que incide sobre nós quando estamos acordados, preferindo a que se desenvolve de olhos fechados - no sono. Quando criança, perguntei à minha mãe se todas as pessoas sonhavam. Sua resposta foi afirmativa; e se houvesse alguém desprovido de sonho, ela disse que esta pessoa seria considerada louca. Mais tarde descobri que mamãe estava redondamente enganada, pois os loucos não são os que não sonham ou os que sonham de menos, são os que não conseguem distinguir os sonhos da realidade - neste caso eu me enquadrava na configuração dos loucos. Há um momento - obviamente se nos dedicarmos com profundidade - em que conseguimos criar uma relação, até mesmo amistosa, entre o verossímil e o onírico. Ao atingir esta obscuridade, ou por que não dizer clareza de consciência, deparamo-nos com realidades fantásticas como: a menina que conseguia trazer para realidade bonecas encontradas em seus sonhos, o que fez com que levasse uma surra de sua mãe por achar que ela as vinha roubando de alguém; o velhinho analfabeto que ficou uma semana em coma, devido a uma queda, e, ao recobrar as faculdades mentais, trouxe consigo um vasto conhecimento sobre as línguas alemã, francesa, russa, catalã e inglesa; e também o caso daquele rapaz, cujo apelido era Carranca - por ser feio em demasia -, que não conseguia encontrar nenhuma namorada na sua vida acordada, no entanto foi buscar - e encontrou -, em um dos sonhos mais belos, a moça mais linda que já havia visto, com a qual saía pelas ruas abraçado, sem dar ouvidos para as pessoas que o chamavam de louco, pois ninguém a via, somente ele.

Ver o que os outros não vêem, ouvir os sons do silêncio, tampar os olhos e ouvi



dos para os gritos e acenos da moralidade, romper limites, dizer o que pensa, fazer o que sente, abandonar a culpa e sentir o gosto do beijo de alguém que você nunca beijou, são comprovações da materialização do sonho. “O caminho é a vontade”, dizia o escritor que ninguém via nem lia, porque estavam todos atrelados às suas visões padronizadas, mas ele estava ali e disse mais sobre seu estudo sobre a invisibilidade: “O entendimento acerca da invisibilidade é fácil, se observado inversamente. Se a principal motivação da busca é a materialização do sonho, o contrário podemos chamar desmaterialização da realidade. A morte é melhor exemplo, o fato de as pessoas deixarem de ser concretas não significa que elas foram eliminadas inteiramente. Aqui, não trato da existência ou não de espíritos, o que ocorre com os mortos é um retorno à condição abstrata, o mesmo estado em que se encontram os sentimentos. A desmaterialização somente pode ser considerada definitiva em um aspecto: o de que não há como reverter morte em vida concreta, entretanto podemos manter contato com os seres invisíveis nos níveis da abstração.” Desde a primeira vez que nos encontramos, o escritor que ninguém via nem lia, fez questão de frisar que Ele jamais fora um ser visível e, sendo assim, está suscetível à materialização.



No início da década de 80, saiu um filme de James Bond, com esse título enigmático: “007: nunca mais outra vez”. Eu nunca vi o filme, nem sei se é bom, mas tenho comigo que é o título mais interessante que um filme pode ter. Mesmo porque, até na vida real, essa frase soaria de maneira, no mínimo, inusitada.

Se pensarmos bem, qualquer pessoa pode dizer que não vai fazer alguma coisa ou ir a algum lugar, nunca mais. Mas porque dizer, outra vez? Qual seria a intenção dessa pessoa? Reafirmar a vontade de não repetir algo que fez? Deixar a entender que já fez alguma coisa uma ou mais vezes, mas contrariado, e que agora não vai fazer mais? Demonstrar que viveu ou realizou algo que gostaria de realizar de novo, mas sabe que isso não ocorrerá jamais? Ironizar dizendo, nunca mais, mas o que está afirmando já aconteceu outras vezes e ainda vai acontecer, de novo, apesar da negativa. Acho que teríamos mais umas quantas explicações para essa frase.

Eu, particularmente, gosto da versão que considero a mais romântica, a que soa como um desabafo de alguém que viveu ou realizou algo e lamenta não poder realizar ou vivenciar de novo.

Dentro dessa perspectiva poderíamos, mesmo individualmente, citar inúmeras coisas ou quase todas as coisas que aconteceram e que gostaríamos que acontecessem de novo, mas que

sabemos, não vai acontecer da mesma forma ou de jeito nenhum. Exemplos? Aqui vão alguns.

Posso comprar várias calças, cada uma mais cara e mais bonita que a outra. Posso até me achar um modelo, desses das propagandas de tv, mas aquela sensação que experimentei ao vestir a minha primeira calça comprida e me senti como um Homem, essa, nunca mais outra vez.

Posso voltar a estudar e fazer quantos cursos quiser, mas aquela emoção, ansiedade e incertezas pelas quais passava todas as vezes que começava o ano letivo e conhecia a nova turma do ginásio, essa, nunca mais outra vez.

Posso ir ao estádio em todos os jogos do meu time nesse ano, mas o que senti quando subi as escadarias da arquibancada, de mãos dadas com meu pai, e vi aquele imenso tapete verde e milhares de pessoas cantando o hino do clube, que se tornaria o meu clube, para sempre, isso, nunca mais outra vez.

Posso arranjar muitos amores, começar e terminar uns quantos relacionamentos, mas aquele nó no estomago que me deu, quando cheguei perto da minha primeira namorada e criei coragem para dizer que estava a fim dela e pedi-lhe para namorar comigo, aquele nó, nunca mais outra vez.

Posso parar e fazer um balanço completo da minha vida, descobrir todos os erros e todos os acertos. Posso até resolver mudar de vida radicalmente. Mas aqueles momentos bons e ruins, que marcaram a trajetória de minha existência até agora, aquelas vitórias, aqueles tropeços, aquelas decisões que me trouxeram até aqui, tudo isso, que me tornou o que sou hoje... já foi vivido, agora, nunca mais outra vez.

Esse texto, por exemplo, estou terminando de escrever, abordando um dos temas que mais gosto: passado, saudade, saudosismo... e daqui a pouco, ele vai estar terminado. Então?! Daqui pra frente, posso até escrever outro texto com o mesmo tema, posso inclusive, usar o mesmo título, as mesmas idéias e as mesmas palavras, mas estarei apenas copiando e não conterá o ineditismo. E, se mudar as palavras, será outro texto. Portanto, a partir de agora, escrever Nunca mais, outra vez... nunca mais outra vez!



Existirá alguém tão impassível a ponto de não se emocionar com uma música realmente emocionante? Ou com uma música que encantou gerações e que sempre ressoa nos ouvidos de todo o mundo? Outro dia me perguntei, impulsionado por uma casualidade. Era um sábado. Na frente da minha casa, abriram um bar. Aos sábados, oferecem música ao vivo. É uma região residencial. Tenho certeza de que o bar não tem permissão (não será essa a palavra técnica e juridicamente exata, mas aqui serve) para funcionar da maneira como funciona: com música alta e sem isolamento acústico apropriado. Eu, nos meus vinte e tantos anos, em plena crise existencial, pensando: tenho que dar um jeito em minha vida profissional, a famigerada guinada na vida, como muitos dizem. Tenho que engendrar um plano que me dê o que um homem maduro precisa: estabilidade, compromissos, dinheiro, passar num concurso... E realmente eu estava estudando pra um concurso. E mais, tenho que dar um jeito de fechar esse bar, chamar a polícia, sei lá. Nesse exato momento o imitador de Mick Jagger, que canta ali aos sábados - imitando muito bem, diga-se - mandou: What a draaaaaag it is getting old: iniciando a clássica Mother's Little Helper, dos Stones. Aquilo caiu como uma bomba no meu território. Era transgressor. Transgredia as leis urbanísticas, de vizinhança, de tudo, afinal, como pode esse sujeito botar uma banda tocando Stones na frente de minha casa, azucrinando o sacrossanto recesso do lar. Mas era emocionante. Esse rock sentimental, melodioso, inconseqüente, que acusa, logo em sua primeira frase: como é chato envelhecer! What a draaaaaag it is getting old, logo cantarolei. Balança, mas a vida continua. Vi o jornalista Diogo Mainardi uma vez dizendo que não gostava de música. Será ele mais feliz? Nunca saberei dizer. Pelo menos ele não deve interromper um momento de concentração, de trabalho, coisas que um homem maduro faz, para, esquecendo leis urbanísticas, projetos de vida profissional, compromissos, ir para o bar da frente escutar, convencido e emocionado, que é uma chatice envelhecer.

Pequenos Anúncios Impublicáveis

Esoterismo	Relax
Igreja Caminho Para a Cruz Aceitamos fiéis homossexuais, bissexuais, pansexuais, putas, moradores de rua, analfabetos, céticos e ateus.	Camões "Furei o olho por indicação do meu relações-públicas."
Copromancia O seu futuro vem do seu interior. Atendemos em domicílio e enviamos o resultado por Sedex.	Winston Churchill (sobre o julgamento de Nurembergue) "Os fascistas pelo menos eram engraçados."
Ghostwriter Romances policiais, psicológicos, contos, poesias e dramaturgia. Sucesso garantido. ghost@ghost.com	Muamar Kadafi, líder da Revolução da Líbia "Esta toalha de mesa dará uma ótima bandeira."
Pai Domingueira Jogo tarô, runas, mandalas, búzios, bingo e bilhar. Favor trazer cachaça para o santo.	Hermann Goering "A Áustria? Se não fosse a terra do Führer seria uma grande merda."
Língua dos Anjos Aprenda a conversar com os anjos com a professora Cind. Eles existem e podem te levar às alturas.	Serviço MOTORISTA PARTICULAR Free Lancer C/ experiência e referência. Tel: 3455-1525 9983-1497 Ricardo
Robertinho do Além Aprenda a levitar com o mestre Robertinho. Conheça, também, os sagrados chás sinestésicos: um passeio pela Lua sem sair da Terra.	Parceria Jararaca Alegre Os Impublicáveis declaram a parceria com a revista Jararaca Alegre, que circula em Caratinga desde 1975. Seu conteúdo traz humor, sexo, rock'n roll e outras coisas divertidas. Editada pelo cartunista Camilo, a Jararaca Alegre conta com apoio de vários chargistas caratinguenses, dentre eles Ziraldo.
educação Tratamento de choque Desaprenda a usar o gerúndio. Material de didático e terapia em grupo. Desconto especial para operadoras de telemarketing.	

O m p u b l i c a v e i s

www.osimpublicaveis.com.br

Patrocínio

**QUIÉ
DE PAU**
massas e Congelados

inter  **véritas**
jóias

INTERNET
&
AFINS